

forma de manter os pais “vivos”, isto é, a defesa contra a culpa de estar a dispensá-los.

• **Não poder ser melhor que o pai/mãe** - O fenómeno psicológico de falhar para não crescer pode ter algumas nuances. Uma delas acontece quando um adolescente tem boas notas, bons desempenhos e, por exemplo, o pai (ou a mãe) começa a sentir a sua capacidade intelectual e a sua autoridade moral postas em causa. São pais que, traço geral, tiveram um fraco percurso escolar, não foram bons alunos ou, por condições da sua infância, não puderam estudar tanto quanto queriam. Assim, mesmo que seja quase universal os pais ficarem satisfeitos por o filho ter sucesso e crescer saudavelmente, nestes casos aparece também um sentimento de inferioridade em relação ao filho que começa a ter boas notas: sentem que o filho é melhor que eles.

Este sentimento de inferioridade, muitas vezes inconsciente, pode resultar em rivalidade com o filho, em desvalorização ou crítica dos seus resultados e, sempre, numa vivência conflituosa. Exemplos: alguns pais que repetidamente querem mostrar que eles é que sabem como é ou quando dizem que 18 valores a matemática é pouco e exigem mais, quando eles próprios nunca tiveram mais que 12.

Perante isto e, com frequência, sem consciência clara do que lhes acontece, os filhos tendem a reear superar os pais na escolaridade e noutras áreas da vida, pois percebem que quanto melhores forem mais inferiorizarão os pais. Mais uma vez e, nesta circunstância, de forma aumentada, a culpa por ferir a autoestima dos pais pode levar o jovem a manter-se aquém das suas capacidades intelectuais e a boicotar o seu sucesso escolar, e não só.

(continua no próximo número)



243 660 097 / 934 010 534



cafapcoruche@caritascoruche.pt



Largo de Valadares, 1 - 2100-112 Coruche



Sílvia Caraça (Assistente Social/Coordenadora)

Gonçalo Coelho Arromba (Psicólogo Clínico)

Ana Miriam Barradas (Psicóloga Clínica)

Sofia Silva (Psicóloga Clínica)



INOVA CÁRITAS CORUCHE

WWW.CARITASCORUCHE.PT

APOIO NA REPRODUÇÃO



cafap

CENTRO DE APOIO FAMILIAR E
ACONSELHAMENTO PARENTAL

BOICOTE AO SUCESSO - PARTE I



PRÓXIMO TEMA:

BOICOTE AO SUCESSO - PARTE II (CONTINUAÇÃO)

97 COLEÇÃO
DESENVOLVIMENTO
MARÇO - ABRIL 2019

O “CULTO DO SUCESSO” HOJE

Vivemos numa sociedade orientada para o sucesso. Obter resultados e superar objetivos são sérios guias da vida pessoal e profissional de grande parte das pessoas na atualidade. Por consequência, lidamos (muito) mal com o insucesso: não o aceitamos, criticamos os obstáculos que impediram de o alcançar, atribuímos responsabilidades aos outros ou, note bem, até tentamos torcer as evidências que se mostram claras aos olhos de todos para transformar a realidade e assim converter o insucesso em sucesso! Enfim, usamos várias estratégias para encarar o que nos angustia.

As crianças e os adolescentes não ficam imunes a este culto do sucesso. Também eles sentem a pressão de alcançar êxitos e excelentes resultados, em especial, na escola. É até habitual encontrar famílias em que o culto do sucesso se transfere e prolonga dos pais para os filhos, com os pais a incutir boa dose de exigência aos filhos para obterem excelentes resultados, entrarem nos melhores cursos, nos quadros de honra, etc.. Como é de prever, em muitos casos, o insucesso nos resultados escolares é sentido como um grande fracasso pelo adolescente. A cultura do sucesso está disseminada. Cada vez se exige mais e o mínimo a obter é, simples e ironicamente, não poder falhar!

OS ADOLESCENTES E O INSUCESSO NA ESCOLA

A teoria e a prática mostram-nos existir vários motivos para o insucesso escolar e para as dificuldades de aprendizagem. Perante um adolescente que não consegue aprender nem obter bons resultados escolares, de modo comum, procura-se resposta para duas hipóteses explicativas logo lançadas: será que não aprende por ter dificuldades cognitivas ou será que não aprende porque não toma atenção? Posto de outro modo: será por falta de capacidade intelectual ou será por

falta de atenção e/ou interesse? Por não conseguir perceber ou por nem chegar a ouvir? De facto, estes são os dois motivos mais comuns do insucesso escolar.

Porém, há também casos em que estas perguntas não dão respostas suficientemente explicativas para o problema. Quer isto dizer que existem casos, principalmente entre pré-adolescentes e adolescentes, em que o insucesso escolar não se deve nem a uma falta de capacidade intelectual, nem sequer é explicado por falta de atenção. São jovens com uma inteligência adequada, atentos e interessados nas aulas mas que, mesmo nestas condições, falham com frequência nos testes e nas avaliações. E no final do período letivo lá estão as negativas a manchar a pauta, a tristeza dos filhos e a angústia dos pais.

PARA QUÊ FALHAR? O INSUCESSO COMO SINTOMA

Nestes casos devemos olhar para o insucesso escolar como um sintoma, algo que aparece com a função de se sobrepor a alguma ansiedade ou angústia do jovem. Não é por não ouvir nem por não ser inteligente, mas “apenas” porque falhar, ter más notas, terá alguma vantagem que convém manter ou evitará alguma desvantagem (ansiedade) maior. Poderá estar a perguntar-se: “então, mas isso quer dizer que há adolescentes que fazem de propósito para ter más notas?!”. A resposta é “sim” e “não”: “sim”, se têm a consciência da razão pela qual erram e têm más notas; “não”, se não a tiverem. Também se perguntará: “Mas querem ver que agora os jovens têm gosto em ter más notas?!”. A resposta é “talvez não” mas, ao contrário do que parece mais lógico, o seu problema é que se tiverem boas notas pode ser pior, por criar situações de mais ansiedade e sofrimento!

QUE ANSIEDADES? O FALHAR PARA NÃO CRESCER

Nestes casos, devemos olhar para os fracos resultados escolares como um modo de evitar crescer. Que razões

existirão para evitar o crescimento? Hipóteses:

1. Não querer “matar” os pais;
2. Não poder ser melhor que o pai/mãe;
3. Salvar o casamento dos pais;
4. O conforto da infância – medo da adultez;

• Não “matar” os pais – Mais evidente nos adolescentes, e mais acentuado na atual sociedade do sucesso, ter boas notas é um forte sinal do filho estar a crescer e de que está perto da independência e da autonomia. Ora, a ansiedade de muitos adolescentes reside exatamente em torno do seu crescimento e numa consequência particular do mesmo.

Crescer é inevitavelmente transformar-se num adulto, cujo maior exemplo será o próprio pai e/ou a mãe. Envolve possuir capacidades, funções e responsabilidades que outrora eram os pais a possuí-las. Assim, crescer é, ao mesmo tempo, conquistar funções e capacidades aos pais e, por inerência, é estar a dispensar os pais de funções e capacidades que até então eram deles. Há diversos exemplos disto, desde já não precisar que o pai dê boleia de carro, cuidar da própria roupa ou tratar de burocracia por si próprio. Portanto, “a emancipação genuína do adolescente mata qualquer coisa de vital nos pais” (Loewald), pois retira-lhes a sua parentalidade!

Quanto mais crescemos mais nos tornamos parecidos com os nossos pais e mais os dispensamos da sua autoridade parental e da nossa vida quotidiana, por exemplo, no que toca a resolver problemas, projetar o futuro, tomar decisões, etc.. Assim, quanto mais se cresce mais contribuimos, inevitavelmente, para a perda de funções dos nossos pais. Isto pode levar a um enorme sentimento de culpa no filho, que ao destituir os pais da sua autoridade e responsabilidade está, simbolicamente, a aproximá-los da morte. Assim, falhar ou boicotar o próprio crescimento é a